

Candidato do PRN garante adesão dos governadores na etapa final do pleito

por Eliane Sobral
de Brasília

Dos 23 estados da Federação, pelo menos 12 têm seus governadores apoiando, oficialmente, o candidato Fernando Collor de Mello, do PRN. A maioria das adesões, entretanto, ocorreu após a realização do primeiro turno das eleições, de onde Collor saiu fortalecido com uma vantagem de 10 milhões de votos sobre o segundo colocado. Quando começou sua campanha, o presidencial do PRN contava com apoio ostensivo apenas de seu sucessor no governo do Estado de Alagoas, Moacir Andrade, além de Amazonino Mendes, governador do Amazonas. Estes dois estados, somados, representam 1,9 milhão de eleitores, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Epitácio Cafeteira, governador do Maranhão, também apoiou Collor no primeiro turno, mas de maneira discreta. Nesta segunda etapa da campanha, entretanto, o governador da terra de presidente Sarney resolveu aderir publicamente e ostensivamente ao primeiro colocado nas pesquisas de intenção de votos, vem orientando seu secretariado a tomar a mesma postura. A mesma posição adotou o governador do Pará, Hélio Gueiros.

A maior parte dos governadores "colloridos" está no Nordeste. Dos oito estados que compõem a região, apenas os governos do Ceará e do Rio Grande do Norte não se manifestaram publicamente a favor de Collor. Tasso Jereissati, governador do Ceará, manteve conversações com Collor, no primeiro turno, e o anúncio de seu apoio oficial ao candidato chegou até a ser feito. Jereissati recuou e decidiu apoiar Mário Covas, do PSDB. A tendência agora é a de que o governador mantenha uma postura discreta mas é tido como certo, entre seus assessores, que ele fique ao lado de Fernando Collor de Mello. Já Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte, permanece, assim como esteve no primeiro turno, indefinido.

Com o governo do Estado da Bahia — o maior colégio eleitoral do Nordeste com 5,5 milhões de eleitores, segundo o TSE — Collor firmou o compromisso de assumir a Barragem de Pedra do Cavalo, localizada no rio Paraguassu, e que vai reforçar o fornecimento de água e eletricidade para todo o estado. Pedra do Cavalo custou aos cofres do governo estadual US\$ 700 milhões e falta ainda a aplicação de outros US\$ 150 milhões para que a obra seja concluída. Ocorre que o governo, além de não saldar a dívida acumulada, não dispõe de recursos para novos investimentos. "É o maior peso do Estado da Bahia, hoje, em termos de dívida e Collor

comprometeu-se a levar para a esfera federal a continuidade da barragem, assim como os encargos que ela já gerou", diz um dos assessores de Nilo Coelho, governador do estado.

Com o apoio de Nilo Coelho, Collor investe mais pesado, neste segundo turno, na capital baiana, onde o candidato da Frente Brasil popular, Luiz Inácio Lula da Silva, foi o primeiro colocado. Nilo Coelho não deixa por menos: prometeu a Collor, na última sexta-feira, uma votação de um milhão de votos a mais do que Lula. Um dos assessores do governador baiano afirma que o trabalho de Nilo pelo candidato de seu partido, PMDB, deu a Ulysses Guimarães 14% dos votos do estado. Foi onde Ulysses teve a maior votação.

A força econômica destes 12 estados, onde Collor conta com apoio dos respectivos governadores, não chega a ser marcante. Somados, representam apenas 24,8% do Produto Interno Bruto (PIB), de acordo com o último levantamento realizado pelo IBGE, em 1980. Os estados de "peso", tanto eleitoral como econômico, estão situados no Sul e Sudeste. A exceção de Minas Gerais, onde o governador Newton Cardoso apóia Collor, não há definição clara dos governadores do Espírito Santo, Max Mauro; e de São Paulo, Orestes Quêrcia. Moreira Franco, governador do Estado do Rio de Janeiro, ensaiou nos últimos dias um apoio claro a Luiz Inácio Lula da Silva mas não se dispõe a subir em palanques pelo candidato do PT. Quêrcia não se decidiu, mas disse, na semana passada, que deve adotar uma postura independente de seu partido, o PMDB, e dos demais governadores.

Alvaro Dias, Pedro Ivo e Pedro Simon — do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul — respectivamente, também não definiram seu apoio. Pedro Simon, aliás, declarou seu voto em Lula mas ressaltou que isto não significa compromisso com o candidato da Frente. Mesmo que os governadores trabalhem por Collor de Mello, colocando, inclusive, a máquina de seus estados em funcionamento pelo candidato do PRN, não quer dizer que o ex-governador de Alagoas esteja eleito. O deputado cearense Osmundo Rebouças, do PMDB, afirma que a adesão dos governadores influencia mas não a ponto de transferir votos. "Se o eleitor tiver decidido por Lula não vai mudar sua posição só porque o governador trabalha pelo outro candidato", conclui o parlamentar. A deputada Moema São Thiago, do PSDB do Ceará, é da mesma opinião. "É claro que com a máquina há facilidades, mas não há seguros contra eleição."